



VOCÊ

Escuto o barulho do sino sinalizando que alguém abriu a porta. Olho em direção à entrada e, ali, no cinema onde trabalho, entra você. Ao olhar para suas unhas roídas e seus tênis de segunda mão a vejo como mais uma mulher problemática na casa dos 20 anos, mas então olho para cima e vejo seu rosto. Você usa um cropped azul que combina com seus olhos e um short saia um pouco curto demais, mas você sabe disso, e gosta da atenção. Você quer que eu repare em você, indo sozinha ao cinema? Liberdade ou solidão? De qualquer forma funcionou, meus olhos se fixam em você enquanto tento atender outros clientes.

Vejo você entrar na fila quando meu chefe me pede para limpar restos de pipoca que algum cliente inconveniente derrubou. Maldito! Tento argumentar, mas de qualquer forma, eu vou relutantemente. Pego a vassoura e vou cumprir a tarefa quando sinto um leve toque em meus ombros. Me viro e me encontro diante de você.

– Licença, não queria te atrapalhar... – Diz a estranha com um tom doce.

– De forma alguma, precisa de ajuda? – Eu respondo, de forma confiante.

– Sim, eu vim ao cinema meio de última hora e não sei o que ver. Será que você poderia me ajudar?

– Claro, do que você gosta?

– Ah, não sei...

– Me fala alguns filmes de que você gosta.

– Gosto de “O Grande Hotel Budapeste”, “Psicose”, “Pulp fiction”. Gosto bastante de Tarantino, na verdade. Kubrick também.

Me surpreendo com o bom gosto. Então percebo: ela entende de cinema e sabe o filme ideal para ela, mas queria falar comigo.

– Ótimas escolhas...

– Brooklyn Grace, mas pode me chamar de Brooke. – Brooklyn não tinha que me falar o nome completo, a não ser que queira que eu a procure... – Charlie né? – ela aponta para meu crachá.

– Isso, Charlie Smith. Então Brooke, tem um grande filme que acabou de sair chamado “Asteroid City”, é estranho, mas acho que você vai gostar bastante.

Ela concorda com a cabeça e então a guio para o caixa, cortando a pequena fila que se formou. Passo seu cartão, dou-lhe um ingresso e acompanho-a até a sala. Após me despedir volto ao meu trabalho desinteressante, mas agora com um novo interesse, você.

Meu turno acabaria às 18, então pacientemente espero esse horário para poder finalmente descansar. Olho no relógio 17h55. Vou ao banheiro e troco de roupa, não pretendo ficar mais que devo por você, sei que seu filme só acaba às 18h15 e esse horário eu perderia o ônibus, mas não se preocupe, a gente se verá de novo.

Estranhamente, vejo uma grande multidão saindo do cinema, será que a sessão acabou mais cedo? Será o destino nos juntando? Penso de novo e lembro que o filme “A freira 2” acaba nesse horário, então caminho lentamente para o ponto de ônibus. Sento-me no canto do banco e coloco meu fone de ouvido em um lado enquanto espero minha “carona” chegar. Olho para baixo distraído, quando vejo aqueles mesmos tênis de segunda mão do meu lado, viro o rosto e ali está você, mais linda que nunca.

– Charlie! – Ela lembra de mim.

– Oi, achei que seu filme só acabaria às seis e quinze.

No ponto de ônibus, resta nos dois e uma senhora na outra ponta do banco.

– Acho que eles devem ter adiantado algo então.

– E o que achou?
– Adoro os trabalhos de Wes Anderson, ele tem um estilo bem peculiar. Achei o filme bem bom.
– Não é seu favorito então?
– Não. – ela ri – Já vi melhores.
O som de sua risada é perfeito, eu sorrio junto com ela.
– Uma hora você acha.
– O quê? – ela questiona.
– O filme perfeito, que vai tocar de verdade essa sua cabecinha. Eu cutuco levemente sua cabeça. Ela sorri. – Eu também não gosto muito pra ser sincero, muito esquisitão pra mim.
– Então por que me recomendou?! – diz ela chocada.
– Vai que você gosta! – Ela ri.
– O que você tá ouvindo?
– Ah, só uma banda...
– Qual?
– Radiohead.
– Eu nunca escutei antes.

Essa afirmação parece um pouco provocativa, então ofereço um lado do fone. Coloco nela e escutamos o álbum “The Bends”, ela parece gostar, fico feliz. Será que ela realmente gostou ou só quer me impressionar? O ônibus se aproxima, levanto e ofereço minha mão. Ela se levanta e entra no veículo comigo. Continuamos a escutar a música enquanto o ônibus passa por dentro das ruas de Nova Iorque, até que chega meu ponto. Finjo que não é ali que desço, quero ver onde ela mora. Aparentemente é alguns quilômetros da minha casa, mas não tem problema, tenho pernas por algum motivo, certo? Brooklyn se levanta quando se aproxima de sua parada. Eu guardo o fone e me sento em silêncio com ela.

– Meu ponto tá chegando. Caramba você more mais longe que eu, onde é sua casa? – ela quebra o silêncio.
–É, eu moro na 550.
– E você pega esse ônibus todo o dia?
– Um homem tem que trabalhar.
– Eu ando 5 minutos pro trabalho.
– Sortuda. Você trabalha com o quê?
– Sou garçonete. – Clássico.

O ônibus para e ela se levanta para descer, eu não faço o mesmo. Ela caminha devagar e para na porta, acena sorrindo para mim e desce. No segundo que ela se vira eu tiro o meu celular do bolso e anoto sua rua e seu nome no aplicativo “notas”. Espero o ônibus parar no próximo ponto e então, desço. Ajusto a minha mochila nas costas e começo minha caminhada de 4km de volta para casa, digo para mim mesmo que valerá a pena.

Chego em casa e me sento ao sofá com duas opções: sentar-se e assistir TV ou começar a trabalhar em você. Ligo minha série favorita, “You”, mas não consigo me focar, só consigo pensar em você, *Brooklyn*. Desligo a série e ligo o computador.

Entro no Instagram e digito “Brooklyn Grace” na aba de pesquisa, não acho nada, será que você usa algum codinome? Me lembro do seu apelido Brooke, pesquiso então todas as variantes possíveis para o seu nome, e então te acho: *graciousbrooke*. Inteligente. Infelizmente seu Instagram é privado, não sei se arrisco um pedido de amigo, vou então para outras redes sociais e digito o mesmo usuário, te acho no TikTok. Você posta poucas coisas, seu cachorro, alguns amigos, nada com namorado e nada suspeito. Abro e vejo um vídeo dançando na frente de uma casa, dou um zoom e capturo o número. Jogo no google maps e é bem na região que você desceu do ônibus, então presumo que é a sua

casa. Procuo então todos os restaurantes do bairro em que você pode trabalhar. Vou descartando os que acho que é necessária muita habilidade, sem ofensas, mas você não me parece a pessoa mais responsável do mundo, adoraria que me provasse o contrário. Anoto as 5 opções restantes e vou dormir.

Acordo no dia seguinte às 6 horas e me preparo, faço igual o personagem “Joe”, coloco roupas escuras e um boné, tomo um café rápido e corro ao ponto de ônibus. Desço no mesmo lugar que você uma vez desceu e vou na direção da rua que vi nas suas redes sociais. Ao chegar ao meu destino vejo que não é um grande prédio, estimo que tenha 4 andares e no máximo 20 apartamentos. Decido esperar alguma movimentação do outro lado da rua, algumas pessoas descem, mas nenhuma delas é que eu procuro, nenhuma delas é você.

Às 8h30 vejo então a garota. Ela usa óculos escuros e tem um estilo que deve ser questionável para os mais velhos, mas é perfeito para mim, logo sei que se trata de você. Me escondo e acompanho-a de uma longa distância enquanto caminha, até que para em uma cafeteria. Imediatamente sei que é ali que você trabalha, por conta das pesquisas de ontem, não ousou me aproximar. Já você abre a loja, entra e começa a se preparar para abrir para os clientes, parece tão focada. Entra um homem, acredito que um colega de trabalho, ela parece animada em vê-lo, por que ela estaria tão animada? Ele coloca seu avental e começa a limpar as coisas junto a ela, eles estão bem próximos, eu estranho. Os dois riem e brincam e eu vejo o jeito que ele olha para você, e vejo que você retribui. Você nunca me quis, nunca realmente desejou que eu fizesse alguma coisa. Você o quer, precisa dele, não de mim.

Ali, parado na rua percebo que eu não sou nada além de um solitário, queria afeto, amigos, mas nunca conseguirei, não sou bom o suficiente e agora estou te assediando? Desculpa Brooke, essa não deveria ser a nossa história. Ando para casa em vez de pegar transporte público, eu mereço chegar em casa com os pés doloridos, eu mereço me sentar sozinho no sofá. Olhando para TV, vendo “you”, enxergo que o personagem principal é patético, mais que eu. Não devo me inspirar nele só porque estou em uma situação como a dele, me levanto, envergonhado de mim mesmo. Deleto seu nome, sua localização, tudo. Me sento na cama e sinto um vazio, mas me lembro que eu posso ser melhor. Se é para ser, um dia encontrarei você novamente, Brooklyn.

Isabela Coelho de Lima Costa
9º ano / Balneário Camboriú
2023